As hagiografias franciscanas

The Franciscan hagiography

Cibele Carvalho[1]
Uninter Centro Universitário

Resumo

O presente artigo apresenta uma definição de hagiografia e realiza a analise das hagiografias franciscanas do século XIII buscando as características básicas de cada uma, bem como sua estrutura. O desenvolvimento desse artigo nasce de reflexões realizadas em minha tese de doutoramento. A hagiografia, gênero pouco trabalhado no século XX por gerar várias desconfianças sobre sua credibilidade como fonte, hoje se torna uma das fontes mais interessantes para se entender aspectos de um passado muitas vezes nebuloso. A hagiografia passou a ser um objeto de estudo relevante no século XXI, onde podemos perceber interesses políticos, religiosos e econômicos por trás de suas construções. No caso das hagiografias franciscanas, elas nos relatam uma história franciscana conturbada e rica em nuances. Os conceitos que geram conflitos dentro e fora da Ordem são abordados de uma maneira subjetiva, mas uma leitura mais aprimorada revê esses termos. Assim, pretendo analisar a estrutura utilizada por cada hagiógrafo em suas respectivas hagiografias.

Palavras-chave: Hagiografia; estrutura; Idade Média; franciscanismo.

Abstract

This article presents a definition of hagiography and performs the analysis of the thirteenth century Franciscan hagiography seeking the basic characteristics of each, as well as its structure. The development of this paper arises from reflections made in my doctoral thesis. Hagiography, gender bit worked in the twentieth century by generating several misgivings about its reliability as a source, today becomes one of the most interesting sources for understanding aspects of the past often hazy. Hagiography became an object of study relevant to the twenty-first century, where we can see the political, religious and economic behind their buildings. In the case of Franciscan hagiography, they report an in Franciscan history and rich in nuances troubled. The concepts that generate conflicts within and outside the Order are addressed in a subjective way, but a more enhanced revise these terms. Thus, I analyze the structure used by each hagiographer in their hagiographies.

Keywords: Hagiography; structure; Middle Ages; Franciscan.

● **Enviado em: 09/05/2013**
● **Aprovado em: 05/07/2013**

[1] Doutora em História Medieval pela Universidade Federal do Paraná. Orientadora e corretora de Tcc pela Uninter Centro Universitário.

A Hagiografia

Hagiografia é um gênero literário utilizado para narrar a vida de pessoas que são consideradas santas pela Igreja ou que tenham uma relação com o sagrado (profetas, messias, mártires, etc.). Procuramos uma definição geral dos pesquisadores para relatarmos a origem da palavra hagiografia. Silveira, no livro em que analisa a relação dos escritos hagiográficos franciscanos com a literatura, formula uma definição de hagiografia muito adequada para o presente estudo.

> Santo ou sagrado significa em grego "ágios". Devido ao acento aspirado da letra a, como o h inicial do alemão, em português se escreve hagios. A vida de um santo é hagio-grafia, escrito sagrado ou sobre o sagrado ou santo. A Bíblia é por excelência uma história sagrada. Por isso, os autores de seus vários livros não se denominam historiadores, mas hagiógrafos. Assim se chamam também, na Antiguidade cristã e na Idade Média, os que escreveram a Vida de um santo.[2]

Também pode ser definida pela literatura como:

> HAGIOGRAFIA – Do grego hagiografia, escritos relativos aos santos. Sinônimo de "hagiologia", designa os textos destinados a relatar a vida dos santos. Comum desde a Idade Média nos países católicos ou que receberam influência da Igreja, a hagiografia ostentou caráter literário até o século XVIII, quando passou a incorporar as preocupações cientificizantes despertadas na ciência historiográfica do tempo. Com o Romantismo, as vidas dos santos inspiraram poetas e dramaturgos. [...][3]

Hagiografia é um gênero literário utilizado para narrar a vida de pessoas que alcançaram a santidade. Portanto, hagiografia na Idade Média significa retratar a vida de homens ou mulheres, que ao longo de suas vidas agiram de forma a determinarem sua condição de sagrado. "Hoje em dia, valorizamos as hagiografias pelo que contaram sem querer: tudo que referem sobre os costumes e a maneira de pensar do tempo é importante como vestígio histórico."[4]

No caso das hagiografias franciscanas percebe-se que "os escritores da Idade Média, como é natural, olharam São Francisco à luz da fé, da teologia, da História da Salvação, e não

2 SILVEIRA, Ildefonso. *Retrato de Santa Clara de Assis na literatura hagiográfica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 11.
3 MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultriz, 2004. p. 37.
4 PEDROSO, José Carlos Corrêa. *Fontes Franciscanas apresentação geral.* Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998. p. 17.

simplesmente à luz da história humana."[5] Segundo Martino Conti, as hagiografias também podem adquirir outro aspecto.

> Sob o aspecto literário pode-se repetir das biografias franciscanas o que foi dito a propósito dos Escritos de São Francisco. Elas constituem um verdadeiro e próprio mosaico de citações, alusões e ressonâncias bíblicas, em parte textuais e em partes adaptadas. O fato já tinha sido evidenciado pelos editores de Quaracchi[6], que tiveram o cuidado de transmitir em nota as numerosas citações ou palavras bíblicas de que é tecido o discurso sobre São Francisco, provenientes de contextos diversos.[7]

O gênero hagiográfico é uma escrita baseada em rima ou verso, contendo elementos de laudação do indivíduo biografado. Sua característica principal é contar acontecimentos vividos que demonstrem a santidade da pessoa. "O gênero hagiográfico, mesmo se a evolução da concepção da santidade no século XIII lhe dá um pouco mais de liberdade, está ainda cheio de estereótipos."[8]

Na verdade não existem obras referentes unicamente ao gênero, mas sim autores que ao trabalharem com temas referentes a hagiografias antigas, explicam um gênero ou detalhes específicos. A linguista Maria Clara de Almeida Lucas, membro do departamento de Linguística da Universidade de Nova Lisboa, também apresenta uma definição de hagiografia.

> A narrativa hagiográfica, como subgênero literário em língua portuguesa, de raízes bem mergulhadas na nossa Idade Média, tem características próprias que a diferenciam da crônica, da épica e da novela comum. Não se deve esquecer que sob cada hagiografia existe um intertexto peculiar, que não exclui o valor criativo apropriando-o às circunstancias e dando-lhe nova vivencia. As hagiografias são, afinal, textos poéticos em prosa, pela fantasia que transfigura e pela sua índole simbólica.[9]

Contudo as hagiografias seguem um modelo tardio. Algumas seguem um modelo hagiográfico judaico-cristão (vida de Jesus), modelos pagãos (encontro de Buda com o leproso) entre outros. Devemos ter muito cuidado ao tratar a análise destas fontes hagiográficas, muitas vêm carregadas de juízo de valores que o biógrafo cita como sendo do santo, mas muitas vezes é dele próprio. As hagiografias trazem as prerrogativas de legitimação para si (sacralização de sua figura).

---

5 SILVEIRA, Ildefonso. *O passado interroga São Francisco*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 77.

6 O Colégio de compiladores de Quaracchi é especializado na transcrição dos manuscritos franciscanos para língua vulgar. A edição crítica das "Fontes Franciscani" foi realizada por eles, temos o texto na língua latina e a tradução para o italiano. Nesta mesma edição esta baseada a tradução portuguesa.

7 CONTI, Martino. *Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das origens*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 171.

8 LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

9 LUCAS, Maria Clara Almeida. *Hagiografia Medieval Portuguesa*. Portugal: Instituto de Cultural e Língua Portuguesa, 1984. p. 37.

Os biógrafos medievais desconheciam nossos avanços na análise de fontes orais ou a atitude de imparcialidade do historiador diante de seu objeto. "Esta síntese pode levar à falsa conclusão de que todos os hagiógrafos e todas as vidas de santo são iguais. Mesmo que o gênero literário tenha grande força, com seus moldes e o modo de refletir do tempo, pode haver enormes diferenças de um para outro autor, explicável por razões várias."[10] Ildefonso Silveira especialista em franciscanismo e por muitos anos professor de metodologia da investigação histórica da Pontifício Universitá Ateneu "Antonianum" di Roma, assim menciona os hagiógrafos medievais:

> Na Idade Média, os chamados hagiógrafos "compiladores" também podiam manipular as informações colhidas de outras fontes, adaptá-las, omiti-las, dar-lhes outro significado. Podem ser justificados: não queriam enganar ninguém, pois tinham a intenção de edificar o leitor, e não primeiramente de lhes mostrar a "verdade" histórica, "objetiva". Descreviam a sublimidade do santo. Era o que queria o leitor. O mesmo faz um biografo moderno divulgador, que busca nas informações de várias origens o que lhe agrada literariamente, sem preocupação critica.[11]

Vemos claramente que a preocupação do hagiógrafo não é a veracidade dos fatos, ou sua exata cronologia. Seu interesse é demonstrar através do que escreve a relação de seu objeto com o sagrado, relatando fatos que julga serem de importância para a construção do seu "escrito sobre o sagrado".

> Neste sentido, "escrito sacro" estende-se a um número muito amplo de documentos que, no seio das várias culturas e nas diferentes épocas da história, são destinados a estabelecer normas religiosas e culturais, a definir o conteúdo de revelações e verdades religiosas, a fixar de modo perene preces, invocações, juramentos, exorcismos, a expor doutrinas ou verdades religiosamente relevantes.[12]

Na literatura hagiográfica, os biógrafos ao descreverem detalhadamente lugares, paisagens, modelos e costumes de uma dada região percebemos nas entrelinhas dados do cotidiano medieval. Apesar de esse não ser seu principal objetivo, sempre algum detalhe da sociedade acaba sendo relatada sem a intenção do autor. As hagiografias apresentam esta característica por mostrarem coisas que não eram do interesse do enunciador. São a memória do próprio cristianismo, na medida em que preservam, resgatam e difundem seus valores. Através desta forma literária de discurso, a Igreja manifesta uma forma de controle,

10 SILVEIRA, I. *Retrato de Santa Clara de Assis (1194-1253)*: na literatura hagiográfica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 17.
11 SILVEIRA, op. cit., p. 47.
12 EINAUDI: Mytos-logus. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989. p. 222.

utilizando-se do discurso hagiográfico que vem carregado de moral cristã e exemplos de conduta.[13] "O livro sacro e o escrito sacro podem assumir a função de regulamentação da vida do grupo não só sob o aspecto cultural, mas também sob o legal, tornando-se neste sentido, a fonte divina ou revelada da autoridade e do direito."[14]

Podemos encontrar vários comentários referentes ao gênero hagiográfico, bem como algumas definições. Porém, as hagiografias são definidas por particularidades e especificidades de cada uma, não devemos de modo algum generalizar essas fontes que como já foi mencionado que nos revelam tanto, mesmo sem querer.

> Os textos hagiográficos, que, apesar de tratarem do mesmo assunto – vida de santos -, apresentam diferenças formais e incorporam idéias diferenciadas, devido às transformações ocorridas ao longo da Idade Media nos ideais de espiritualidade e nas concepções de santidade.[15]

A hagiografia teve seu nascimento na Antiguidade tardia, mas foi na contemporaneidade que muitos começaram a duvidar de sua importância para historiografia como documento digno de confiabilidade.

> Vauchez e Brown sugerem que as propostas do gênero hagiográfico eram parcialmente promocionais: uma legenda celebrava a grandeza de um santo em particular, com o objetivo de encorajar sua veneração. A evidência de milagres é considerada tão indispensável quanto a evidência de conduta virtuosa na vida dos santos: uma reforça a outra, ajudando a garantir que a declaração de santidade vinha de Deus e não só da com o propósito de edificação dos fieis.[16]

Neste sentido, devemos examinar com minúcia as fontes hagiográficas, definindo o seu gênero literário e a proposta que está contida nelas. Devemos buscar nas entrelinhas as razões para a constante escrita de novas hagiografias sobre Francisco. Cada qual utilizando um conceito para defini-lo, deixando transparecer em muitos casos aspectos pessoais do autor. Atualmente, várias são as possibilidades de análise de um discurso hagiográfico, podemos contar com uma gama diversificada de autores e pesquisadores no assunto. O que de

13 CARVALHO, Fabrícia A. T. *O discurso de controle da Igreja no século XIII*. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues. (Org.) Atas da VI Semana de estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Rio de Janeiro: IFCS, 2006. p. 119.

14 EINAUDI, op. cit., p. 225.

15 CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *A tipologia da santidade na Península Itálica entre os séculos XI e XIII*. In: SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) Atas da IV Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2001. p. 80.

16 FORTES, Carolina Coelho. *Pressupostos teóricos para o estudo da hagiografia*. In: SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) Atas da IV Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2001. p. 175.

certo modo auxilia no trabalho, dando suporte teórico para nos reportarmos a esses documentos.

> O essencial disso a que os hagiógrafos chamam Vida dos santos é então a prática habitual da devoção e das virtudes. Essa concepção da Vida, que é, de fato, um gênero literário, se afasta muito de nossa concepção de uma biografia. Se há acontecimentos na vida de um santo, eles não formam uma sequência cronológica. O hagiógrafo, em cada capítulo, dá precisões sobre a conduta habitual do santo e, mais raramente, conta uma pequena história exemplar ilustrando seus propósitos.[17]

Quando realizamos a análise de uma hagiografia, que compreende a história do nascimento à morte de um indivíduo que através de seus atos e exemplos alcançou a santidade[18]. Devemos ficar atentos às variações que o discurso sofre ao tratar de temas ou fatos que sejam considerados conflituosos na vida do biografado. "O lugar e a cena influenciam diretamente a enunciação"[19]. No caso das FF encontramos os mais diversos relatos para tratar de um mesmo objeto, Francisco. Encontramos hagiógrafos que citam fatos conturbados e outros que nem mencionam esses fatos.

As hagiografias do século XIII apresentam características do gênero da época. Segundo Spina, "são empenhadas, no sentido em que uma intenção pedagógica, didática, apologética, missionária, edificante, preside sua elaboração"[20]. Demonstram aspectos próprios do público[21] a qual querem atingir, sendo cada uma, a sua maneira única.

> Delehaye[22] nos faz notar que o hagiógrafo não é só um historiador, mas uma testemunha da fama de santidade e do culto de um herói cristão. O hagiógrafo é um crente que escreve para crentes. Guiado por seus critérios de fiel, tende a preservar o santo e sua ação divina.[23]

Isso fica claro nas hagiografias de Francisco, a preservação de uma imagem perfeita é buscada em cada capítulo realizado pelo hagiógrafo. Porém, as hagiografias franciscanas nem

---

17 LE GOFF, J. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 303.

18 Santidade termo utilizado para designar ou nomear atitudes de um nível superior ao dos homens comuns, conceito amplamente citado pela Igreja em seus discursos religiosos.

19 MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1997. p. 32.

20 SPINA, S. *A cultura literária Medieval*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997. p. 20.

21 As hagiografias eram destinadas à leitura dos frades e religiosos de outras ordens. Exemplares eram enviados para cada província e cópias (códices) eram realizadas por compiladores. Poucos fiéis tinham acesso a essas hagiografias. Primeiro, porque poucos sabiam ler e segundo porque eram passados oralmente os feitos dos santos, durante os sermões.

22 DELEHAYE, Hippolyte. Apud. FORTES, Carolina Fortes. *A produção literária dominicana no século XII*: uma breve visão sobre a hagiografia. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) Atas do Ciclo: A Tradição Monástica e o Franciscanismo. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2003. p. 131.

23 FORTES, Carolina Fortes. *A produção literária dominicana no século XII*: uma breve visão sobre a hagiografia. In: COSTA, Sandro da; SILVA, Andréia C. L. F. da; SILVA, Leila R. (Org.) Atas do Ciclo: A Tradição Monástica e o Franciscanismo. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2003. p. 131.

sempre tornam Francisco a base de construção, mas a Ordem encontra nestes textos uma colocação centralizada e decisiva para a vida do "santo". A Ordem para os hagiógrafos de Francisco eram a razão de sua santidade.

As hagiografias franciscanas

Vita Prima (1229)

O primeiro biógrafo de Francisco, Tomás de Celano nasceu por volta de 1185 na cidadezinha de Celano, nas montanhas dos Abruzos, não longe de Roma. Acolhido na Ordem, em 1215, pelo próprio Francisco, como ele conta[24] foi à Alemanha como missionário em 1221, como afirma Jordão de Jano:

> O primeiro ministro provincial da Alemanha foi Frei Cesário que, preocupado em cumprir eficazmente a obediência que lhe fora imposta, tomou consigo os seguintes frades: [...] Tomás de Celano, que depois escreveu a Primeira e Segunda Legenda de São Francisco.[25]

Provavelmente ingressou na Ordem muito preparado, porque sua maneira de escrever demonstra bons conhecimentos literários e um amplo domínio do latim. Não foi por acaso que ele foi o escolhido para escrever a hagiografia de Francisco.

Em 1223 foi nomeado custódio, como diz Jordão de Jano: "No mesmo ano nomeou Frei Tomás de Celano como custodio de Mongúncia, Worms, Colônia e Espira."[26] Logo passou a vice-provincial da Alemanha, na ausência de Cesário de Espira. É provável que estivesse em Assis em 1228 para a canonização de São Francisco, pois pertencia a uma equipe de copistas que a Ordem manteve em Assis.

Passou uns trinta anos trabalhando na biblioteca do Sacro Convento, em Assis, e dando assistência às Clarissas de Tagliacozzo, nas Marcas de Ancona. Em 1256, assim acreditam muitos críticos, completou a *Legenda de Santa Clara Virgem*. Pela sua forma de escrita, há quem lhe atribua também a autoria da bula de canonização de Santa Clara, mas não podemos firmar com certeza essa autoria.

Também alguns estudiosos apontam João de Celano, autor da *Quasi stella matutina*, como seu irmão. Celano morreu em 1260, e está sepultado em Tagliacozzo.

---

24 SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). *São Francisco de Assis*: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos. Petrópolis: Vozes, 2000. No artigo irei me referir a essa coletânea de *Fontes Franciscanas* com a sigla FF (1Cel, parágrafo 57).

25 FF (Crônica de Jordão de Jano, parágrafo 19).

26 FF (Crônica de Jordão de Jano, parágrafo 30).

Com a autoria de Frei Tomás de Celano chegaram até nós cinco livros nas Fontes Franciscanas. A *Vida l* (ICel), a *Vida II* (2Cel), o *Tratado dos Milagres* (3Cel), a *Legenda Chori* (4Cel) e a *Legenda de Santa Clara Virgem* (a Legenda de Santa Clara Virgem, não será trabalhada, pois não é objeto de nossa análise).

A *Primeira Vida* foi escrita a pedido do Papa Gregório IX em 1228 e apresentada ao pontífice no dia 25 de fevereiro de 1229. Sua obra está dividida em Prólogo, onde o autor justifica as razões para a elaboração da hagiografia, iniciando "Quero contar a vida e os feitos de nosso bem-aventurado pai Francisco."[27] Podemos perceber já na primeira frase as intenções do autor, edificar a imagem de Francisco com milagres e fatos que marcaram sua trajetória de "rapaz rico e dissoluto"[28] até uma figura que suscita interesse de todos que conhecem sua história.

A narração hagiográfica é realizada em 30 capítulos e 87 parágrafos no primeiro livro. Essa é a estrutura organizativa escolhida por Tomás de Celano para retratar a vida e obra de Francisco. Ao olharmos a divisão de *Vita Prima*, devemos pensar que Celano escreve num período de fervorosa devoção logo após a morte de Francisco, momento este onde a memória dos que viveram e conviveram com Francisco estava fresca, mas também se encontravam com as emoções "a flor da pele". Isso com certeza acarretaram certos excessos nos relatos e muitos exageros ao longo da hagiografia, bem como algumas falhas. Sabatier aponta:

> Quando Tomás de Celano terminou sua legenda percebeu, melhor que ninguém, as lacunas desse trabalho para o qual só conseguiu reunir um material insuficiente. Elias e os outros frades de Assis lhe haviam contado a juventude de Francisco e sua atividade na Úmbria, mas havia longos períodos sobre os quais não recolhera nenhum dado, independente de haver preferido, quer por prudência quer por amor da paz, guardar silêncio sobre certos acontecimentos. Parece também indicar a intenção de retomar sua obra para completá-la.[29]

Notamos que Celano tinha consciência de suas falhas ou excessos, mas por um bem maior (paz no interior da Ordem) optou por se abster em certos dados da vida de Francisco. Porém, mesmo com essas lacunas uma obra hagiográfica pode nos revelar com sutileza os detalhes mais simples e ao mesmo tempo mais complexos de uma Ordem que se formava ao lado da história de vida de seu fundador.

Por ordem do Capítulo Geral de Paris, em 1266 (onde o Ministro Geral da Ordem era Boaventura) foi ordenado que queimassem bem como todos os exemplares de obras escritas

---

27 FF (1Cel, prólogo, p. 177).
28 SPOTO, Donald. *Francisco de Assis*: o santo relutante. Rio de Janeiro, 2010. p. 62.
29 SABATIER, Paul. *Vida de São Francisco de Assis*. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006. p. 58.

sobre São Francisco antes da *Legenda Maior* obra escrita por Boaventura. A *Vita Prima* só veio a ser encontrada de novo em 1768, graças aos estudiosos bolandistas que ao realizarem uma varredura em um dos conventos acabaram por se deparar com a obra na íntegra.

No ano de 1230, Celano escreveu também uma versão abreviada da *Primeira Vida*, que se chamou *Legenda ad usum chori*, e foi usada pelos frades até 1263, antes da grande fogueira realizada pelo então Ministro Boaventura.

A *Vida Segunda* foi escrita em 1247, aproveitando parte do material apresentado pelo ministro geral Crescêncio de Iesi, que havia solicitado um ano antes que todos os membros da Ordem que tivessem algo para relatar sobre Francisco, que escrevessem e encaminhassem para fazer parte de uma nova vida do "santo". Nessa nova empreitada, Celano trabalhou com uma equipe, que era responsável pela coletânea do material e ele ficou apenas com redação final.

A *Vida Segunda*, também foi destruída em 1266, sendo encontrada somente em 1806. *O Tratado dos Milagres* foi escrito por Celano sob encomenda do Ministro Geral João de Farina, sendo redigido entre os anos 1250 e 1253. Também foi destruído em 1266 e reencontrado em 1899.

Esses quatro livros tiveram sua primeira edição crítica publicada em 1941, Annalecta Franciscana. Na biografia *Vita Prima*, Celano mostra um Francisco com bondade, amor ao próximo e desprendimento por causas impossíveis. Um homem irredutível em seus interesses e ações, que jamais abandonaria a pobreza, humildade e caridade, que são uma marca registrada de sua figura, segundo o próprio Tomás de Celano.

Vejamos uma citação do autor a respeito da determinação Francisco:

> Porque tinha chegado o tempo determinado, o servo do Altíssimo, assim preparado e confirmado pelo Espírito Santo, seguiu o ímpeto sagrado de seu espírito, pelo qual se chega aos bens melhores, desprezando os que passam. Alias, não lhe era permitido adiar mais: uma doença mortal estendia por toda parte seus efeitos nefastos e paralisava tantas almas, que qualquer demora do médico podia ser fatal para elas. Levantou-se, pois, armado do sinal da santa cruz, e, tendo preparado um cavalo, montou e, levando consigo rica peça para vender, foi depressa para a cidade de Foligno[30]. Tendo vendido como de costume tudo que levara, o feliz mercador abandonou lá também o cavalo em que fora montado, depois de receber o preço que valia. De volta, livre da carga, vinha pensando com visão religiosa no que fazer com o dinheiro. Admirável e repentinamente convertido para as coisas de Deus, achou que era pesado demais carregar aquele dinheiro por mais uma hora que fosse. Considerando simples areia todo aquele pagamento, apressou-se em desfazer-se dela. Como vinha vindo na direção de Assis, encontrou à beira do caminho uma igreja

30 Francisco teve que voltar e pé cerca de quinze quilômetros.

> erguida havia muito tempo em honra de São Damião e agora ameaçando ruína por sua muita antigüidade.
> Chegando a ela, o novo soldado de Cristo, comovido por tão urgente necessidade, entrou cheio de temor e de reverência. Encontrando lá um sacerdote pobre, beijou suas mãos consagradas cheio de fé, deu-lhe o dinheiro que levava e contou-lhe ordenadamente seu propósito. O sacerdote ficou espantado e, admirando aquela incrível e repentina conversão, recusou-se a acreditar no que ouvia. Com medo de ser enganado, não quis aceitar o dinheiro oferecido. Tinha-o visto, por assim dizer, um dia antes, vivendo regaladamente entre os parentes e conhecidos e manifestando sua loucura mais que os outros. Mas o jovem insistia teimosamente, e com palavras ardentes procurava convencer o sacerdote que, pelo amor de Deus, lhe permitisse viver em sua companhia.
> Afinal o padre concordou em que ficasse, mas, por medo de seus pais, não recebeu o dinheiro, que Francisco, verdadeiro desprezador de todas as riquezas, jogou a uma janela, tratando-o como se fosse pó. Pois desejava possuir a sabedoria que é melhor do que o ouro e adquirir a prudência que é mais preciosa do que a prata.[31]

Uma característica apresentada na obra de Celano é a determinação de Francisco em realizar sua vida evangélica e mostrar para os outros esse exemplo de "vida perfeita". Na citação acima que se refere ao início do processo de conversão de Francisco vemos um homem com medo, mas determinado em seu intento de "viver uma nova vida".

Quando escreve no ano de 1229 sua obra, a Ordem está envolvida em questões de desvio de comportamento dos frades, vários acusados de heresia, por formar grupos alheios a Igreja. A hagiografia de Celano inaugura uma tentativa de trazer novamente os frades para perto da Igreja chefiada por Gregório IX (1227-1241) e da própria Ordem representada nesse momento por Frei Elias de Cortona.

Sabatier se refere a esse momento:

> Ao contrário, não se pode esperar encontrar ali detalhes que poderiam apoiar as pretensões dos adversários de Elias, daqueles zelantes indóceis que já ostentavam com orgulho o título de Companheiros do Santo e procuravam constituir, na Ordem, uma espécie de aristocracia espiritual.[32]

A questão de conflito interno se torna bem clara nesta citação, o grupo espiritual começava a se formar e a dar os primeiros nuances de uma luta pelo poder e principalmente pelo controle da Ordem com os conventuais, representados por Frei Elias de Cortona.

---

31 SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). *São Francisco de Assis*: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 185.

32 SABATIER, op. cit., p. 57.

Também deve-se lembrar que Sabatier exagerou nas suas argumentações e criticas à *Vita Prima*, mas sobre o conflito cada vez mais visível dentro da Ordem, isso não há a menor dúvida. Verifica-se essa mesma constatação em outros autores como Raoul Manselli[33].

A determinação de uma biografia para inaugurar o culto ao novo "santo" vem ao encontro do interesse inerente de mostrar aos frades a representação de um Francisco ideal e extremamente obediente à hierarquia eclesiástica. Serviria de modelo para seus frades e um exemplo a ser seguido como norma geral. Coube a Celano realizar essa tarefa de representá-lo de uma maneira a atender aos interesses da Igreja e não ferir as pretensões dos mais radicais.

A Legenda dos Três Companheiros (1246 – "A Carta de Grécio")

A Legenda dos Três Companheiros foi objeto de estudo do pesquisador L. Waddingus, quando escreveu os *Annales Minorum*[34], no século XVII. A primeira edição impressa da Legenda foi feita em 1798 pelo bolandista C. Suyskens, que a batizou com o nome de "Apêndice inédito à Vida Primeira, elaborado por três companheiros do próprio São Francisco"[35]. A partir desta data, *a Legenda dos Três Companheiros* com *A Carta Grécio* (parte introdutória) passaram a serem consideradas autênticas.

A *Legenda dos Três Companheiros*[36] está dividida em uma Epístola ("*Carta de Grécio*" 11/08/1246) e mais 18 capítulos com 73 parágrafos. Esta é a estrutura organizacional da hagiografia escrita pelos três companheiros, sistematizada de maneira que nos revela um Francisco preocupado com o que ele estava fundando, bem como com os vários tipos sociais que compunham a sua Ordem. Para os três companheiros, Francisco sempre teve muito bem determinado os rumos que queria para seus irmãos. A pobreza na hagiografia é apresentada como a base para a perfeição alcançada por ele. Muitas vezes utilizam de técnicas de escrita para camuflar a "pobreza", se valendo de palavras de igual valor ou que acabam remetendo a ela.

33 MASELLI, Raoul. *São Francisco*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
34 WADDINGUS, L. *Annales Minorum*. Firenze: Quaracchi, 1933.
35 Esse apêndice é a "*A Carta de Grécio*" do ano de 1246.
36 "Em todos os manuscritos, esta Legenda é precedida de uma carta endereçada ao Ministro Geral e assinada pelos frades Leão, Rufino e Ângelo. É desta carta que a obra tirou o nome tradicional de Legenda dos Três Companheiros. É, hoje, portanto, certo que algum deles não é o autor do texto e que a carta, ou não está em seu lugar, ou então, o que me parece mais razoável, deve servir de prefacio a todo o "pacote" de documentos dos quais os Companheiros se teriam feito fiadores." DESBONNETS, T. *Da intuição a instituição*. Petrópolis: CEFEPAL, 1987. p. 160.

Muitos anos depois o franciscanófilo Paul Sabatier[37] dizia que a *Legenda dos Três Companheiros* era o melhor texto sobre São Francisco, apesar de ver claramente que as autoridades da Ordem (Frei Elias) possam ter influenciado a escrita do texto. Mas logo depois Sabatier encontra o *Espelho de Perfeição,* deixando de lado a *Legenda dos Três Companheiros*. Faz afirmações sobre a datação da *Legenda dos Três Companheiros* afirmando que foi escrita em 1246 e o *Espelho da Perfeição* em 1227, um erro na datação levou o estudioso a cometer essa falha grotesca e que acabou prejudicando seus trabalhos sobre as Fontes Franciscanas.

Vários códices da *Legenda dos Três Companheiros* foram encontrados em lugares diferentes dentro de conventos beneditinos, agostinianos e até mesmo franciscanos. Agora só faltava a datação exata da fonte para torná-la mais um instrumento de análise da vida de Francisco e do surgimento da Ordem. Finalmente o francês Theophile Desbonnets[38] (1972) acabou defendendo que a primeira versão da *Legenda dos Três Companheiros* era mesmo de 1246, com uma metodologia de confrontamento e comparação do texto com outros documentos. Já para outro estudioso francês Pierre Béguin, a *Legenda dos Três Companheiro*s não representa todo o material enviado pelos Companheiros, nem mesmo faz parte dele, mas sim foi escrita antes da *Vida II* de Celano, e utilizando partes do *Anônimo Perusino*. Mas suas teorias são rebatidas até os dias de hoje e não se confirmou sua tese.

Desbonnets afirma que a *Carta de Grécio* faz sim parte da Legenda e também pode ser percebida em outras fontes como *Compilação de Assis* e *Anônimo Perusino.* O confrontamento de fontes hagiográficas franciscanas se tornou um hábito comum para buscar a veracidade e o momento exato de sua produção. Muitas fontes foram datadas a partir de trechos iguais reproduzidos em outras como é o caso do *Especulum Perfectus* que devido aos dados contidos serem iguais aos de *Vita Prima* acabou gerando uma confusão relativa à datação. Até os dias de hoje os dados contidos nesses documentos permitem uma conclusão precisa sobre sua produção.

Em 1980, Raoul Manselli[39] sugeriu que se desse à *Legenda dos Três Companheiros* o nome de "Legenda de Assis" porque ela é muito detalhista em relação a Assis, contendo 34 citações da cidade.

A obra que estamos analisando é uma verdadeira Legenda, que narra em ordem a vida de Francisco, provavelmente não foi escrita na integra pelos três companheiros de Francisco

37 SABATIER, Paul. *Vida de São Francisco de Assis*. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006.
38 DESBONNETS, T. *Da Intuição à Instituição*. Petrópolis: Cefepal, 1987.
39 MANSELLI, R. *São Francisco*. Petrópolis: Vozes, 1997.

(apesar de não podermos afirmar que não foram eles, já que encontramos vários resquícios da escrita característica de Leão, por exemplo) que escreveram a *Carta de Grécio*.

A *Legenda dos Três Companheiros* nos fornece alguns dados que nos ajudam a situá-la no tempo. Por exemplo, ao citar Gregório IX (1227-1241) um "de saudosa memória"[40] e dizendo que ele foi protetor dos irmãos "até o fim de sua vida"[41], assim deve ter sido redigida após 22 de agosto de 1241, ano da morte do papa.

A localização de realização da fonte se torna possível porque a Legenda faz diversas referências a Assis, a seus moradores e ao espaço físico da cidade. Narra os fatos cotidianos e menciona os moradores com carinho e esperança, como se fizesse parte do local.

O escritor da biografia não faz referencia aos acontecimentos que sacudiam a Ordem, parece não se importar com isso. Porém não devemos pensar que fosse imune ao que estava acontecendo dentro da Ordem. Por isso se torna muito importante sabermos um pouco do que estava acontecendo no ano 1246 e um pouco antes.

No ano de 1240, o Papa Gregório IX e o Imperador Frederico II estavam em guerra, os reis começavam a delinear sua função e tentavam centralizar seu poder. As tropas imperiais cercavam Assis para colocar fim as possessões papais. Nessa mesma ocasião, os sarracenos sob ordens do imperador tentam invadir São Damião (lugar onde se encontrava Clara)[42]. Em 1241, cercaram novamente Rieti e Assis para mais uma vez impor suas ambições de domínio desses centros comerciais, que apesar de serem cidades pequenas eram rota de passagem de caravanas. Frei Bernardo de Quintavalle primeiro companheiro de Francisco morre nesse ano no Sacro Convento de Assis.

No ano de 1243, o então Ministro Geral Haimo de Faversham, estabelece normas litúrgicas, uma tentativa de conter os mais exaltados dentro da Ordem, nesse momento as diferenças entre espirituais e conventuais era latente e inevitável. Neste período são publicados um missal e um breviário franciscano que serviriam de modelo para toda a Igreja. Em junho deste ano é eleito o papa Inocêncio IV (1243-1254).

Em 1244, morre o ministro geral Haymo de Faversham, o capítulo elege como novo geral Frei Crescêncio de Iesi, o mesmo que escreve aos primeiros companheiros pedindo que escrevam tudo que lembrarem sobre Francisco.

40 FF (Legenda dos Três Companheiros, parágrafo 24).
41 FF (Legenda dos Três Companheiros, parágrafo 67).
42 ROTZETTER, Anton. *Clara de Assis*: a primeira mulher franciscana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 248.

Neste mesmo ano o papa se refugia em Lion, França para fugir do imperador. No ano de 1245, Inocêncio IV convoca um concílio para julgar o imperador e em 14 de novembro escreve a Carta *Ordinem Vestrum*, que segundo Merlo,

> Na *Ordinem vestrum*, é reafirmada a norma eleitoral segundo o qual podiam participar do capítulo para eleição do Ministro geral os Ministros provinciais e um Custódio de cada Província, que tinha a representação eleitoral ("vox") de seus "pares". Mas a carta de Inocêncio dá, sobretudo, indicações sobre os problemas da pobreza, que levam a uma considerável mitigação das orientações e dos vínculos pauperistas contidos na Regra.[43]

Esta carta dá direitos aos frades para que não tenham só o necessário, mas que tenham conforto, o que foge totalmente da proposta da Ordem e do próprio Francisco. A carta do papa é só início do conflito que perdurará por vários séculos o "*usus pauper*".

No ano de 1246, Frederico II declara guerra a todos os que apóiam o Papa, inclusive os frades. Muitos são mortos, expulsos ou encarcerados. No dia 11 de agosto, Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo escrevem em *Grécio a carta* que enviam ao ministro geral. No ano de 1247, no capítulo geral de Lion (13 de junho) os frades elegem Frei João de Parma como ministro geral.

Legenda Maior (1266)

João de Fidanza (Boaventura) nasceu em Bagnoregio no ano de 1221. Na infância apresentou uma grave doença, que segundo ele próprio conta após a invocação do nome de São Francisco por sua mãe, Boaventura alcançou a cura.[44]

No ano 1234, seguiu para a Faculdade das Artes de Paris, onde se graduou no ano 1240. Segundo narram algumas fontes, ingressou aos 17 anos na Ordem dos Franciscanos, onde assumiu o nome de Boaventura. Talvez estivesse motivado pela devoção a São Francisco que lhe vinha da infância, e ainda pela admiração a Alexandre de Hales[45], foi um dos discípulos e com o mestre aprendeu as bases teóricas agostiniana.

Estudou teologia, provavelmente sob Alexandre de Hales (+ 1245), porque o chama de pai e mestre. Boaventura começa o magistério no ano de 1248 como bacharel bíblico, com o Comentário ao Evangelho de São Lucas; conforme os estatutos da Universidade, dois anos depois, como bacharel sentenciário, explicaria a *Sentenças.*

---

43 MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco*: história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 74.

44 (*Sermão do Beato Francisco*, sermão 3).

45 Um dos grandes teólogos do franciscanismo.

Entre os anos de 1250 e 1251; na mesma sequência deveria chegar ao doutorado em teologia em 1253. Frente às dificuldades criadas para os religiosos conseguirem seu título reconhecido principalmente os franciscanos devido ao uso do estudo dentro da Ordem e o afastamento que os estudos poderiam causar do ideal primitivo.

Como sabemos os franciscanos por muitos anos foram rechaçados nas Universidades devido ao "usus pauper" conceito que os persegue onde quer que eles estejam. Com Boaventura não foi diferente. Apesar de várias bulas papais aumentarem os direitos dos franciscanos em relação à proposta primitiva, muito ainda tinha por se fazer.

Provavelmente, Boaventura só conseguiu o título de Mestre em 1257. Porém, após tanta espera pelo título, abandonou o magistério, passando então ao posto de Ministro Geral da Ordem franciscana; tinha exatos 36 anos. Entretanto Boaventura não paralisou as suas preocupações intelectuais. Foi ao mesmo tempo, um homem de estudo, de ação e um homem místico. Dedicou-se à causa da Ordem (organizar a Ordem, defendê-la de acusações injuriosas e moldar a mente dos frades para uma nova Ordem), à sua espiritualidade e à pregação em geral.[46] No ano de 1260 começa a escrever uma nova hagiografia referente a Francisco.

A *Legenda Maior* na visão de Boaventura seria um divisor de águas, antes uma infinidade de biografias que geravam conflitos entre os frades e desconfiança do clero, agora uma biografia definitiva e oficial para ser lida e divulgada como a única verdadeiramente legítima e a representação mais fiel de Francisco. Na apresentação da nova hagiografia no ano de 1263, no Capítulo de Pentecostes, Boaventura ordenou a apreensão de todas as hagiografias anteriores referentes ao "santo" para que fossem queimadas e a sua se tornasse a única biografia de Francisco. Era uma tentativa desesperada de realizar novamente uma unificação da Ordem em torno de uma única imagem de Francisco e que evitasse ainda mais conflitos na Ordem.

Sua obra está dividida em um Prólogo, 15 capítulos e um apêndice com milagres. O livro não pode ser entendido como uma narrativa histórica atual. Além do mais, ele parece querer tirar Francisco das contingências históricas e colocá-lo fora do tempo.

Pode ter sido influenciado por sua fonte principal, a Vida II de Celano, mas ele mesmo diz: "A história nem sempre segue a ordem cronológica dos fatos. A fim de evitar confusão, preferi ser mais sistemático. Por isso, ora agrupei acontecimentos que se deram em tempos

[46] Vide: NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. *Um mestre no ofício*: Tomás de Aquino. São Paulo: Paulus, 2011. p. 15-22.

diferentes, mas se referiam a assuntos semelhantes, ora separei outros que ocorreram ao mesmo tempo, mas se referiam a assuntos diferentes"[47].

Mesmo afirmando que visitou os lugares em que o santo viveu e que conversou com pessoas do seu tempo, a maior parte dos fatos narrados pela *Legenda Maior* são tirados de Celano. Também utiliza citações do *Anônimo Perusino* e várias citações do Evangelho, para justificar Francisco como "o anjo do sexto selo".

Para compreendermos melhor a obra de São Boaventura, vale ressaltar que foi escrita em um momento em que muitos frades eram acusados de "joaquimistas". Joaquim de Fiore foi um abade do sul da Itália, que viveu de 1135 a 1202. Ficou muito conhecido por suas profecias, em que dividia a história em grandes eras: A Era do Pai abrangia todo o tempo antes de Cristo. A Era do Filho devia chegar até 1260. A Era do Espírito Santo começaria em 1260.[48]

No último decênio antes de 1260, os religiosos estavam entusiasmados com essa proposta. Principalmente, os mais radicais (no interior da Ordem) exageravam no seu apego ao passado da Ordem e na vida praticada pelos primeiros frades. Pregavam uma retomada da Regra não Bulada de 1221, que para eles "seria a única verdadeira e pura", ainda não apresentava as várias sanções que seriam impostas ao longo da história franciscana. O "Testamento" também possuía um peso grande nos ideias dos mais radicais, apresentava a essência do franciscanismo e do ideário de Francisco. O "Testamento" era apenas simbólico e o que continha não guiava a vida de um frade.[49]

Boaventura pretendia com sua hagiografia romper as barreiras impostas pelos mais radicais e mostrar um Francisco atemporal, ou seja, fora de todas essas questões impostas pelo tempo e pelo crescimento exagerado da Ordem. Assim coube a ele realizar uma nova biografia de Francisco.

Apresentando Francisco como "Anjo do sexto Selo", Boaventura faz dele a figura central dessa história. Na *Legenda Maior*, Francisco é apresentado como "homem do outro mundo", "quase angelical", o "angélico Francisco". Bem diferente da *Legenda dos Três Companheiros,* onde percebemos uma preocupação em mostrar não apenas Francisco, mas também a sua vivência com seus companheiros.[50]

---

47 SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). *São Francisco de Assis*: escritos e biografias de São Francisco de Assis; crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 463.

48 FALBEL, Nachman. *Os espirituais franciscanos*. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 49-77.

49 FALBEL, op. cit., p. 52.

50 URIBE, F. *Introduzione alle agiografie di S. Francesco e S. Chiara D'Assisi* (séc. XIII-XIV). Roma: Ratatori, 1996. p. 226-236.

A obra de Boaventura está carregada de influências do autor e de seu tempo, os conflitos gerados pelos frades mais radicais se refletem em sua obra, que acaba por se tornar para muitos estudiosos, a hagiografia mais distante da representação do verdadeiro Francisco. Mas ao contrário do que possa se imaginar, a "pobreza" é uma constante na obra de Boaventura.[51]

Não participou das controvérsias tomistas de 1270[52] que invadiram as universidades e claro a Ordem, mas apoiou tacitamente a oposição, que era agostiniana. Boaventura era um admirador das teorias agostinianas, e sempre que possível colocava as idéias de Santo Agostinho em suas obras.

A obra literária de Boaventura é relativamente grande, principalmente levando em consideração que lecionou apenas 10 anos (1248-1257), a maior parte de seus escritos escolares datam deste período.

As principais são:

- *Comentários sobre as Sentenças* (1248-1255);
- *Quaestiones disputates,* sendo 7 *De scientia christi, 8 de Mysterio Trinitatis, 4 de perfectione evangélica (1257-1258)*;
- *Itinerarium mentis ad Deum* (1259);
- *Breviloquium* (antes de 1257);
- *De reductione artium ad theologiam* (1259?);
- os tratados sobre os *Tópicos, Meteoros,* e *De generatione* de Aristóteles (entre 1260-63).
- *Apologium pauper* (1266).

A última obra de Boaventura é a que mais nos interessa, trata-se da "Apologia a pobreza" onde ele realiza uma defesa da pobreza e claro do modo de vida franciscana, que nesse período realiza mais uma "pobreza pensada", do que uma "pobreza vivida". Veja o que diz Merlo sobre a questão.

> Lá por meados do século XIII ocorrem sempre mais refinadas e ardentes reflexões sobre a *pobreza*, provocando um lento mais inexorável deslizamento da *pobreza vivida* para a *pobreza pensada*, já que o ponto de referência não era mais a experiência religiosa de Francisco, mas a codificação da experiência como se encontrava na Regra (e em outros textos franciscanos de apoio), mediante as *expositiones*, cuja autenticidade (ou a inautenticidade) era estabelecida pelo poder eclesiástico. A "questão pobreza" torna-se "interpretação da pobreza" como caráter peculiar de uma formação religiosa

51 FALBEL, op. cit., p. 103.
52 Vide: NASCIMENTO, op. cit., p. 47-53.

> que, baseada na própria "autenticidade evangélica", reivindicava uma eminente presença eclesial e eclesiástica.[53]

Tanto Boaventura, quanto Tomás de Aquino estavam no interior da questão do "usus pauper", alguns mestres da Universidade de Paris acusavam as Ordens Mendicantes de serem falsas, pois pregavam uma pobreza que não viviam. Cada vez mais se afastavam da mendicância e da humildade, seus membros ingressavam nas universidades e buscavam autonomia, o que para as outras ordens era hipocrisia.

Dentro da historiografia franciscana encontraremos uma defesa gradual e que aumenta consideravelmente em apoio à "pobreza pensada" e que nos dias de hoje é uma realidade.

Boaventura deixou também numerosos sermões e escritos de natureza mística, e que não serão enumerados por serem de ordem mística e estritamente religiosa.

Conclusão

Podemos concluir que a estrutura das hagiografias não difere muito uma da outra, o que se modifica é a intenção dos autores ao escrevê-las. Celano (*Vita Prima*), sendo o primeiro, pode ser considerado o que tinha mais liberdade em sua argumentação e construção hagiográfica, os conflitos dentro da Ordem ainda eram velados e a separação não era tão clara como verificamos nos anos seguintes. Também vemos que segue um modelo de hagiografia empregado durante quase toda a Idade Média, apesar de trazer uma novidade essencial "a pobreza como uma dádiva" e Francisco como um baluarte de uma nova "Igreja".

Já a *Legenda dos Três Companheiros* inova em mostrar a Ordem como um fundamento primordial para os conceitos criados e ampliados por Francisco. O centro de toda a narrativa não é o "Santo", mas a Ordem que surge a partir dele. Sua estrutura é simples com argumentação lendária de fatos e atos de Francisco, para os três companheiros tudo era recordação, sendo assim carregada de imaginação e fantasia. Os fardes escrevem para a Ordem e em sua defesa. Não podemos esquecer-nos das acusações contra a "hipocrisia' franciscana. Nada melhor do que símbolos dos tempos áureos para relembrarem o passado franciscano em forma de hagiografia.

A última, mas não menos importante *Legenda Maior* de Boaventura com certeza a mais estudada e discutida das Fontes Franciscanas. Por todas as razões já citadas anteriormente, Boaventura escreve para mudar a Ordem e principalmente unificar. Seus méritos não devem ser desconsiderados nesta árdua tarefa, uma nova hagiografia definitiva para substituir todas

53 MERLO, op. cit., p. 112, grifo do autor.

as anteriores seria a melhor opção. Seu texto extremamente bem escrito e com a utilização de um jogo de palavras prende o leitor e o leva para junto de Francisco de uma maneira mística. Boaventura usou todos os seus recursos linguísticos para mostrar um Francisco "angelical", "anjo do sexto selo" "perfeito". Sua hagiografia é com certeza a que apresenta mais recursos fantásticos para mostrar a passa a passo a vida de Francisco. Mas não podemos descartar a utilização de *Vita Prima* como base para sua composição.

As hagiografias franciscanas nos revelam um Francisco "santo" mais ao mesmo tempo humano. Essa junção é essencial para perpetuar sua imagem e agregar a Ordem ao longo dos séculos, mesmo com todos os conflitos e separações. Isso faz com que cada vez mais a historiografia se interesse pelas fontes hagiográficas.